



## Tesão fotográfico: enquadramentos e desejos da imagem da prisão de Lula<sup>1</sup>

Photographic attraction: frames and desires of the image of Lula's prison

Ganas de la fotografía: encuadres y deseos de la imagen de la prisión de Lula

**Elane Abreu de Oliveira** – Universidade Federal do Cariri | Juazeiro do Norte | Ceará | Brasil. E-mail: [elane.abreu@ufca.edu.br](mailto:elane.abreu@ufca.edu.br) | Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-2848-9265>

**Resumo:** A figura de Lula movimentou coberturas midiáticas e redes sociais pela ocasião de sua prisão e um dos destaques desse acontecimento foi a profusão de compartilhamentos da sua imagem fotográfica. A partir da observação deste fenômeno, emerge a questão: como o fotográfico surge como mediação do desejo de representação da prisão e da liberdade? O percurso metodológico para apontar direções para esta questão consiste em uma abordagem das concepções teóricas de “fotografia”, “poder” e “enquadramento”, bem como na interpretação da imagem fotográfica de Lula pelo conjunto de três momentos: a) a foto do líder popular sendo carregado pela multidão; b) o discurso do ex-presidente antes de se entregar à polícia; e c) a foto do político preso. Estes momentos são importantes para o que se interpreta como tesão fotográfico, decorrente dos desejos de enquadramentos de um corpo político. A imagem de Lula se relaciona a desejos de representação, de posição histórica, bem como de promessa de sua continuidade.

**Palavras-chave:** fotografia; enquadramento; Lula; interpretação da imagem.

**Abstract:** The figure of Lula stirred up media coverage and social networks on the occasion of his arrest and one of the highlights of this event was the profusion of shares of his photographic image. From the observation of this phenomenon, the question emerges: how does the photograph rise as a mediation of the desire to represent prison and freedom? The methodological approach to point out directions for this issue consists of an approach to the theoretical concepts of “photography”, “power”, and “frame”, as well as the interpretation of the photographic image of Lula through the set of three moments: a) the photo of the popular leader being carried by the crowd; b) the ex-president's speech before turning himself in to the police; and c) the photo of the arrested politician. These moments are important for what is interpreted as a photographic attraction, resulting from the desires of framing a political body. Lula's image is related to desires for representation, historical position, as well as the promise of its continuity.

**Keywords:** photography; frame; Lula; image interpretation.

---

<sup>1</sup> Uma primeira versão do texto foi apresentada no I Encontro Norte e Nordeste da ABCiber no GT 3: Comunicação, Mídia e Poder no Ciberespaço, em 2018.





**Resumen:** La figura de Lula conmovió la cobertura de los medios y las redes sociales con motivo de su detención y uno de los aspectos más destacados de este evento fue la profusión de compartidos de su imagen fotográfica. De la observación de este fenómeno surge la pregunta: ¿cómo emerge lo fotográfico como mediación del deseo de representar la prisión y la libertad? El abordaje metodológico para señalar rumbos para esta cuestión consiste en un acercamiento a los conceptos teóricos de “fotografía”, “poder” y “encuadre”, así como la interpretación de la imagen fotográfica de Lula a través del conjunto de tres momentos: a) la foto del líder popular siendo llevado por la multitud; b) el discurso del ex presidente antes de entregarse a la policía; y c) la foto del político arrestado. Estos momentos son importantes por lo que se interpreta como ganas por la fotografía, lo que resulta de los deseos de enmarcar un cuerpo político. La imagen de Lula está relacionada con deseos de representación, posición histórica, así como con la promesa de su continuidad.

**Palabras clave:** fotografía; encuadre; Lula; interpretación de la imagen.

Recebido em: 30/09/2022  
Aprovado em: 21/08/2023  
Revisado em: 19/09/2023



## 1 Introdução

As fotografias de líderes políticos são alvo de comoção pública. A historiografia brasileira carrega, em seus testemunhos visuais, significativas imagens documentais que se tornam marcos de uma época. Líderes, como presidentes da República, além de suas fotografias oficiais, são atrativos de inúmeros olhares fotográficos, vigilantes aos passos públicos desses personagens políticos. Na busca por imagens de relevância social, fotógrafos e fotógrafas, engajados no interesse público, informam com seus olhares vigilantes. Suas fotografias, com a possibilidade de compartilhamento pelas redes sociais digitais, entram em circulação com celeridade, como é o caso das imagens que aqui abordamos.

No dia 07 de abril de 2018, o Brasil foi cenário de um acontecimento simbólico: a prisão de Luiz Inácio Lula da Silva. Condenado ao cárcere por lavagem de dinheiro e corrupção passiva no polêmico caso do Triplex do Guarujá, Lula não se entregou de imediato após a sua condenação. Foi para São Bernardo do Campo - SP, onde se localiza o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, que o acolheu durante um pernoite. Sua chegada ao local foi acompanhada por uma multidão de pessoas que o apoiavam com gestos e enunciados. Nas coberturas midiáticas e redes sociais, o fato se expandia, ganhando diversos enquadramentos interpretativos. As imagens, porém, chamavam atenção e uma delas circulou largamente em redes e portais de notícias: a foto de Lula carregado pela multidão, atribuída ao fotógrafo Francisco Proner (2018).

Proner, jovem fotojornalista brasileiro<sup>2</sup>, tem se destacado por coberturas desafiadoras para imprensa nacional e internacional como na revista *Lob's* (BOULET-GERCOURT, 2022), e seu olhar é também perceptível em coberturas de manifestações políticas. Nesta foto citada, de ângulo superior e enquadramento amplo da multidão, Lula é o ponto de força visual, atraindo o movimento de vários corpos ao seu redor. A carga simbólica da imagem disputa lugar, por outro lado, com a do líder preso, imagem-desejo do poder da polícia, mas que não teve a mesma ascensão visual e simbólica. Esta comoção em torno da figura de Lula, mediada pela fotografia de Proner, foi demonstrada por numerosos compartilhamentos, comentários, bem como por apropriações com intencionalidades distintas: da página de perfil do *Facebook* do jornal *Le Monde* a memes que reinterpretaram o enquadramento cênico da foto.

A Polícia Federal, no entanto, à espera da entrega do político, esteve à espera durante todo o dia de comoção pública. Lula só se entregou à noite. E as imagens que chegaram aos veículos midiáticos, distantes e com pouca definição, expressam a inacessibilidade do corpo às lentes. Esta sinalização de poder, em que a fotografia é também testemunho, habita a precariedade da imagem. A ausência de um corpo-fotógrafo com proximidade é também voz da autoridade policial.

---

<sup>2</sup> O fotógrafo aborda o fenômeno da foto em recente publicação da revista francesa *Lob's*.



Diante deste contexto, como então o fotográfico surge como mediação do desejo de representação da prisão e da liberdade de um personagem político? Este artigo tem o objetivo de interpretar a fotografia de Lula no conjunto de três momentos/enquadramentos: a) a foto do líder popular sendo carregado pela multidão; b) o discurso do ex-presidente antes de se entregar à polícia; e c) a foto do político preso. O discurso é simbolicamente importante por sua relação com a fotografia. Como aporte teórico, serão abordadas formulações de Geoffrey Batchen, Michel Foucault, Jonh Tagg e Judith Butler. Esta configuração teórico-interpretativa permitirá sinalizar quais desejos e regulações estão em jogo nas imagens, bem como destacar quais poderes/desejos (visíveis ou não) constroem o acontecimento.

O percurso metodológico deste estudo é derivado da reflexão teórica sobre enquadramento, poder e desejo, sendo desenvolvida uma interpretação imagética dos momentos acima descritos. As provocações e discussões dos pensadores contribuíram como norte reflexivo, mas não como limitadores, da possibilidade interpretativa do fenômeno. Foram trazidas evidências empíricas que circularam na mídia e estas se entrecruzam com o olhar reflexivo da autora como agente de pesquisa, em seu pensar a partir e com imagens dos enquadramentos e desejos do fenômeno da prisão de Lula.

## 2 Fotografia, enquadramento e desejo de imagem

A fotografia é recorrentemente acionada quando um desejo de realismo povoa as mentalidades. Atravessada por transformações técnicas ao longo de sua história, sua trajetória social ainda hoje é marcada por um sentido de testemunho. Esta inclinação testemunhal, ainda que não seja a única praticada socialmente, converge com o de variadas instituições de poder. Estas, por seus propósitos particulares, dirigem à fotografia uma missão de representação, realidade e, mais além, de autoridade.

Geoffrey Batchen, ao comentar proposições de Foucault, aponta para os desígnios de conhecimento operados pela fotografia. Há um discurso de “foto-desejo” na possibilidade de reprodução. “Pois o discurso da foto-desejo confirma que devemos, como diz Foucault, ‘apreender a sujeição em sua instância material como uma constituição de sujeitos’, e isso inclui tanto o fotógrafo quanto o fotografado” (BATCHEN, 2000, p. 23, tradução nossa). A foto-desejo, quando associada à prisão de Lula, pode ser compreendida como processo de sujeição, conduzido também por direções de poder da polícia, do povo e da mídia. Estes três vetores são os que mais fortemente entram em jogo no fenômeno da imagem de Lula preso.

A conjunção de fotógrafo, câmera e imagem, mais do que reorganizar superficialmente o poder, conforme Batchen (2000, p. 23, tradução nossa). Numa proposição foucaultiana, “é produtiva de uma combinação simbiótica total tal que ‘as relações de poder podem penetrar no corpo em profundidade’”. A fotografia, sendo formadora da visibilidade de corpos no tempo e no espaço, é constitutiva da experiência histórica dos sujeitos. Neste sentido, a foto-desejo de Lula é exemplo da



moldagem de um corpo político representativo de nossa história, compartilhada por distintas forças de poder.

A prisão de Lula, pelo que pode ser observado, é variantemente enquadrada: pelo desejo fotográfico e pelo desejo institucional/punitivo. Foucault (1980; 1987) já nos advertiu sobre esta associação entre desejo e poder instaurada pelas instituições disciplinares (prisão, hospital, escola), na busca de moldar os corpos. Por processos normativos, a regulação dos corpos é prática coercitiva do poder vigilante da polícia e das prisões. O mecanismo disciplinar do panóptico, que instaura a vigilância pervasiva em instituições das sociedades modernas (1987), tem sua lógica prolongada também pela fotografia e sua possibilidade de captura imagética por toda parte. A possibilidade de “controle descentralizado”, conforme Sibilia (2019, p. 209), é ainda mais intensificada pela “ubiquidade dos dispositivos digitais de comunicação”. A vigilância de uma figura pública por câmeras fotográficas em nossos tempos responde a anseios sociais que vão além de uma autoridade institucional. Lula, ao juntar-se ao povo antes de ser preso, desafia e cria uma resistência ao poder institucional, enquanto exercita seu poder popular.

O encarceramento do ex-presidente é representativo para relembrarmos a força da fotografia enquanto prova, documento. Ao falarmos em documento, naturalmente associamos o termo à ideia de prova, testemunho, constatação e, embutida nessa relação, a questão da verdade. A fotografia exerce um papel fundamental nessa relação de comprovação dos acontecimentos, e se caracteriza, no senso comum, como documento visual incontestável da existência de um determinado objeto ou fenômeno. Jonh Tagg (2005) assinala que a fotografia pode estar impregnada da ideia de prova, de constatação da existência daquilo que ela mostra, quando acompanhada de um processo social, histórico ou cultural que a assegure.

Que uma fotografia possa ser levada ao estágio de *prova*, por exemplo, não depende de um fato natural ou existencial, mas de um processo social, semiótico, embora com isso eu não pretenda sugerir que o valor da prova está embutido na cópia impressa, um aparelho abstrato, ou em uma estratégia de significação concreta (TAGG, p. 11, 2005, tradução nossa).

O autor afirma que a noção de prova “documental” associada à fotografia está envolta de um aparato social, mais do que do seu vínculo existencial, condicionado pelo índice. Esta categoria sógnica, a partir da formulação de Charles Peirce, refere-se à representação do referente, ao traço ou vestígio do real, sendo a fotografia um exemplo da evidência do que esteve diante da câmera. Tagg acrescenta que o problema da evidência fotográfica é histórico e não apenas proveniente de um “fato natural”. Ou seja, é um resultado da história o discurso da fotografia enquanto prova. Não é à toa que ele relaciona as técnicas de representação e regulação social do século XIX (vigilância, arquivos de penitenciárias, manicômios) ao reconhecimento da fotografia como instrumento de “prova” oficial das instituições. Arquivos fotográficos



foram montados nessa época com o intuito de guardar “evidências” em investigações judiciais. Só posteriormente, em um contexto capitalista, segundo o autor, é que o “documental” se sobressaiu como discurso, quando a imediatez e a verdade tiveram no meio fotográfico um lugar privilegiado.

À despeito da racionalização documental pretendida por seu uso institucional e disciplinar - fábrica, prisão, hospital, asilo (TAGG, 2005; GUNNING, 2004) -, o poder comunicativo da fotografia se reconstitui ao passo que são vislumbrados por meio dela outros espaços legíveis e desejos de visibilidade. Em nosso contexto, veículos de imprensa, páginas pessoais e redes sociais são alguns desses espaços que proliferam a comunicação fotográfica. Estes espaços, no entanto, quando se valem de poder institucional, permitirão ou cercearão acessos às imagens que lhes competem.

A partir do exposto, a imagem fotográfica não é alçada à comprovação de um fato se não estiver acompanhada de um construto social de significação, como é o caso da fotografia de Lula, figura política e histórica. Da sua concepção moderna, artifício de uma sociedade disciplinar, a imagem fotográfica toma hoje rumos ainda mais perversivos. O desejo de reproduzir, tão inerente a esta modalidade imagética, atua em contextos digitais ainda mais enfaticamente ligado aos compartilhamentos e reenquadramentos interpretativos. É neste entendimento que vale destacar aqui a ideia de enquadramento ligado à comoção pública da imagem.

Judith Butler (2017) discute a fotografia como interpretação do acontecimento e a compreende como meio para nossas comoções. Quando exibida e posta em circulação, a fotografia “torna-se condição pública mediante a qual nos indignamos e construímos nossas visões políticas para incorporar e articular a indignação” (BUTLER, 2017, p. 120). Por intermédio do “enquadramento”, noção apresentada pela autora, estabelece-se a relação entre fotógrafo, câmera e cena. O “enquadramento” organiza nossa percepção e nosso pensamento, indo além de uma fronteira para a imagem; é “algo ativo” seja quando mostra ou quando descarta. Esta compreensão coloca a própria fotografia como interpretação, bem como nosso papel como intérpretes críticos das regulações sociais implicadas nos enquadramentos. Ou seja, “somos levados a interpretar a interpretação que nos foi imposta, transformando nossa análise em uma crítica social do poder regulador e censor” (BUTLER, 2017, p. 111).

Quais normas são inerentes ao enquadramento? Que ação/realidade a fotografia ajuda a conduzir quando enquadra um acontecimento? Butler (2017) nos coloca ante estes questionamentos, provocando-nos a entender a imagem e sua reprodução dentro de uma dinâmica de desejos e tempos possíveis. Como mediação para a comoção, a fotografia também pode proporcionar o desejo de que um acontecimento tenha continuidade. “A fotografia é uma espécie de promessa de que o acontecimento vai continuar; na verdade, ela é exatamente essa continuação, que produz um equívoco no nível da temporalidade do acontecimento” (p. 127). Ou seja, na dilatação do tempo



que a fotografia pode oferecer publicamente, variados desejos podem ser desencadeados, sejam eles humanizadores ou não.

Para Foucault (1995), poder e sujeito estão intimamente relacionados, pois, a própria individualidade tem em si uma ideia de reconhecimento, de identidade, frente ao olhar de outros. Sem esquecer que, sob o poder do Estado, outras formas de dominação se impõem. O ex-presidente envolto na comoção pública está sob uma trama de poderes: é sujeito de poder e, ao mesmo tempo, está assujeitado, em vias de ser preso. A produção e troca de signos dialogam com as relações de poder e estas têm seus ajustes feitos conforme contextos específicos. Uma constante nas relações de poder são suas formas de dominação - “o outro” sobre o qual o poder é exercido e seu campo de “respostas” e “invenções possíveis” (FOUCAULT, 1995). O momento de invenção de um possível parece ter algum lugar na fotografia.

Na perspectiva fotográfica do enquadramento, Lula aciona e é acionado por poderes/desejos que o moldam e regulam. Por isso a importância de trazermos para esta reflexão a condição pública de suas imagens na internet. Uma vez que as imagens circularam com posturas ético-políticas distintas, os enquadramentos juntamente ao valor de prova da fotografia, da foto-desejo, são motes para o estudo e interpretação das imagens, seja pela caracterização simbólica, seja pela acolhida ou não da imagem pelas instituições de poder reguladoras – aqui sendo compreendidas, principalmente, pela polícia e pela mídia. Na internet, sentidos e desejos de representação são agregados nas imagens que viralizam e para estas cabe lançar um olhar também interpretativo.

### **3 Lula enquadrado: os “múltiplos orgasmos” da fotografia**

Três momentos da imagem de Lula foram eleitos para compor este estudo interpretativo:

- a) a foto do líder popular sendo carregado pela multidão;
- b) o discurso do ex-presidente antes de se entregar à polícia;
- c) a foto do político preso. Esta sequência segue o percurso dos momentos mais representativos (e não necessariamente cronológicos) e indica o modo de conduzir a interpretação. Foram escolhidas não apenas fotografias em sentido literal (a de Lula sendo carregado pela multidão e a de Lula preso), mas também a fotografia descrita pelo líder em seu discurso oral, que antevê o desejo midiático.





Figura 1 - Lula carregado pela multidão



Fonte: Proner, 2018.

Emblemática pela composição, personagens e representatividade, a foto acima, de Lula sendo carregado pela multidão em São Bernardo do Campo, rapidamente tomou páginas na internet e perfis de redes sociais. Como ponto central de atenção no enquadramento da imagem, capturada de ângulo superior (o último andar do Sindicato dos Metalúrgicos), o líder é conduzido pela força da multidão que o apoia. Esta foto-desejo (BATCHEN, 2000), se assim a chamarmos por seu poder popular, que o constitui como sujeito, e também pelo olhar do fotógrafo; repercute uma temporalidade impossibilitada pelo fato que se daria logo depois desse momento: a prisão do político. O desejo de liberdade está capturado na imagem, tornando-se ícone também de um enunciado transformado em movimento de apoio a Lula nas redes sociais: o #lulalivre. Este desejo, quando transformado na multiplicação (viralização) da imagem, traduz uma promessa de que o acontecimento perdure, como diz Butler, sendo, no caso, conduzido por diversos portais de notícias em que a fotografia surge, bem como por compartilhamentos dela por usuários da internet.

Alvo de comoção pública, o momento em que o ex-presidente se junta à multidão presente em frente ao Sindicato dos Metalúrgicos é plasmado no desejo de imagem da liberdade. Resistindo ao cárcere, o líder popular se demora com o povo antes de se entregar. A fotografia se livra da imagem de interdição e expressa, pelo enquadramento, Lula misturado à multidão. Neste sentido, os corpos implicados na imagem (povo, Lula e fotógrafo) estão articulados no poder da própria imagem fotográfica que, pela combinação de seus elementos visíveis e ocultos, comunica sua representatividade simbólica e política. Jornais como o *El País*, *The New York Times*, *The Guardian* e *LeMonde* publicaram a imagem, o que confirma também a sua força





simbólica e a projeção junto às instituições midiáticas internacionais. Quando a mídia cria enquadramento para a mesma imagem, é ratificado também o seu poder quanto à comoção pública.

O discurso de Lula<sup>3</sup> (LEIA ..., 2018), que antecedeu o momento da fotografia, é permeado em diversos momentos por declarações que implicam a projeção de um líder político enquanto imagem. Por este aspecto, é importante destacar que o propósito aqui não é fazer análise do discurso clássica tal como preconiza o método de estudiosos franceses, uma vez que este implica em complexidades analíticas que aqui não tomam forma. O ponto de vista de interpretação aqui recorre às dimensões imagéticas das palavras, associando-as às ideias-chave de Butler que apresentamos anteriormente: enquadramento, poder e desejo. As palavras do ex-presidente, muitas vezes, falam de um desejo de se perpetuar em ideias, que nem polícia ou mídia podem capturar. Assim profere:

Não adianta tentar acabar com as minhas ideias, elas já estão pairando no ar e não tem como prendê-las. [...] Não adianta parar o meu sonho, porque quando eu parar de sonhar, eu sonharei pela cabeça de vocês e pelos sonhos de vocês. [...] Não adianta eles acharem que vão fazer com que eu pare, eu não pararei porque eu não sou um ser humano, sou uma ideia, uma ideia misturada com a ideia de vocês. [...] Todos vocês, daqui pra frente, vão virar Lula e vão andar por este país fazendo o que vocês têm que fazer e é todo dia! Todo dia!

A imaterialidade de uma "ideia", ou seja, seu aspecto impalpável afirma o desejo do líder de permanecer no imaginário popular não como "um ser humano". Ao apontar para uma imagem que se multiplica e é inapreensível, Lula fala de um poder maior do que seu corpo, ampliado pelo "andar" de cada um que o escuta. Propõe, com isso, um desejo misturado ao do povo, imparável. Associando "ideias" e "sonho" à liberdade, afirma que "não tem como prendê-las" e sublinha o caráter diário de propagação e luta: "todo dia".

A liberdade das ideias é o desejo nas palavras do ex-presidente e ele incumbe ao povo que o escuta o prosseguimento de seus ideais. O "sonho" imaginado terá continuidade pela mente de seus seguidores, uma vez que, mais do que um ser humano, Lula define a si mesmo como "ideia" e esta não se sujeita à prisão. A promessa de que suas ideias serão perpetuadas por seus apoiadores vão ao encontro do que a fotografia comunica. A multiplicação da sua imagem, fenômeno potencializado pela viralização de sua figura na internet, dá corpo às palavras desejosas do líder que enfatiza que, dali em diante, "todos vocês" "vão virar Lula", dando vida à sua imagem.

Por outro lado, o valor de prova fotográfico é destacado nas palavras do ex-presidente em outra passagem do discurso, quando se dirige ao "tesão" que se terá

---

<sup>3</sup> O discurso foi divulgado na íntegra pelo portal Brasil de Fato.

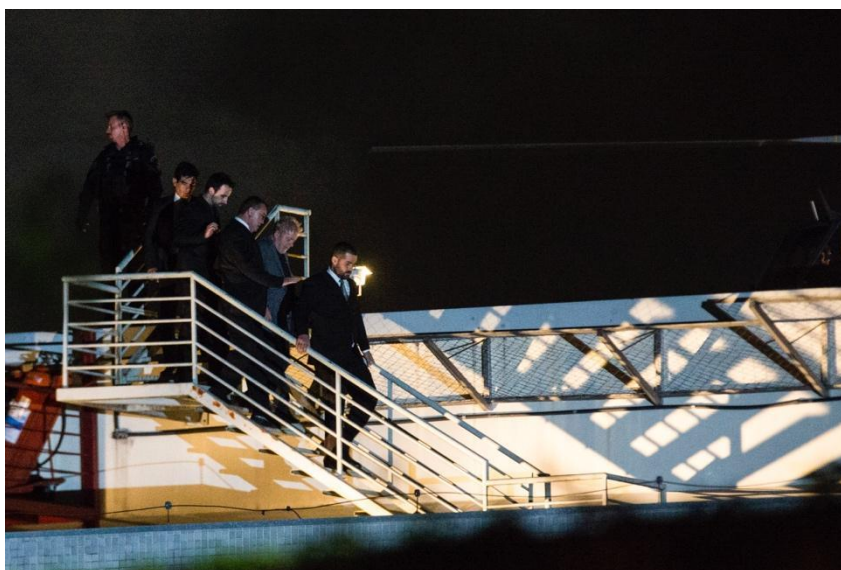


com sua fotografia preso. Invocando seus “companheiros e companheiras”, ele pronuncia o que imagina sobre o desejo de imagem: “[...] o outro sonho de consumo deles é a fotografia do Lula preso. Ah, eu fico imaginando o tesão da Veja colocando a capa comigo preso. Eu fico imaginando o tesão da Globo colocando a minha fotografia preso. Eles vão ter orgasmos múltiplos”. O ex-presidente, então, anuncia outra instância mobilizadora do desejo por sua imagem: a mídia. Sua imagem sem liberdade é, assim, caracterizada como “sonho de consumo” de importantes veículos de comunicação.

Lula projeta essa sua fotografia preso em imaginação e esta já está cooptada pelos desejos da mídia. Estaria ele também sendo “preso” pelos desígnios das coberturas jornalísticas já que elas teriam uma “prova” visual do acontecimento. Vale ressaltar que a fotografia já existe mentalmente antes mesmo de se tornar um fato e, nesse sentido, já se perfaz como dispositivo. O líder aponta para a instituição “mídia”, que deseja sua imagem, representada em suas palavras pela revista Veja e o grupo de comunicação Globo. Estes, segundo ele, terão “orgasmos” com sua fotografia preso.

Antevendo a multiplicidade do “tesão” fotográfico midiático, Lula aponta para o enquadramento do sofrimento, da prisão, como valor a ser explorado noticiosamente por meio da comoção que sua imagem traria nas capas de grandes veículos. Ressaltamos, por conseguinte, que essa imagem simbólica não repercutiu visualmente, não tendo a mesma força que a fotografia do líder carregado pela multidão. A “prova” da prisão se concretizou em fotografia de frágil apelo visual, sendo a ausência de simbolismo muito mais significativa quando pensamos em enquadramento de instâncias de poder como a polícia e seu respectivo controle dos corpos.

Figura 2 - Lula conduzido pela Polícia Federal à prisão



Fonte: Casal Jr.; Soares (2018).



A imagem de Lula chegando à Curitiba, momentos antes de ser encaminhado ao prédio da Superintendência da Polícia Federal, possui características de um registro à distância. Com ângulo lateral e grande distância do personagem, é uma imagem precária se atentarmos para sua composição visual. Por sua fragilidade em termos visuais, não ganhou força enquanto representatividade do ato da prisão. Contudo, a precariedade desta imagem implica em um enquadramento visto que oculta mais do que mostra. Se observarmos pela ótica das relações de poder implicadas no enquadramento, trata-se do silenciamento de um corpo político. O mesmo corpo que resistiu, momentos antes, nos braços da multidão.

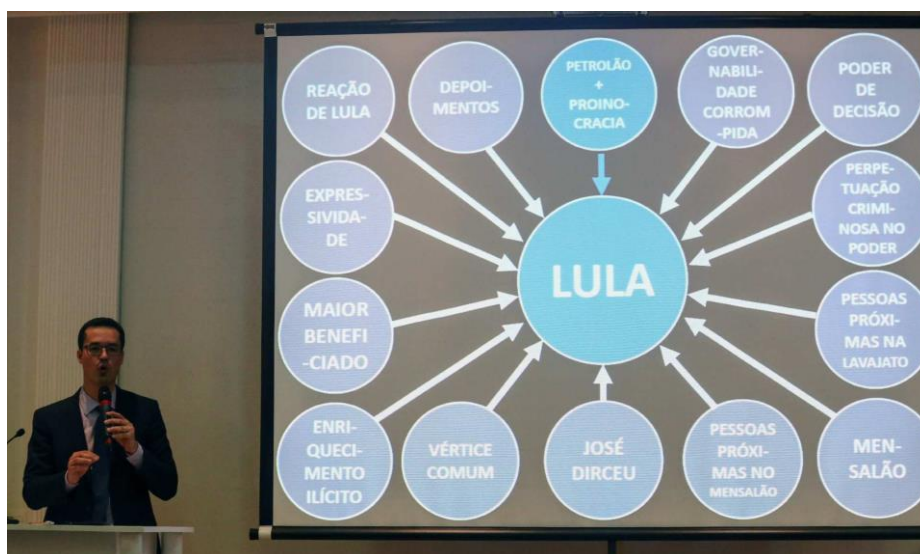
O silêncio da imagem traduz o corpo que se torna dócil, para lembrarmos a perspectiva foucaultiana (1987), vigiado institucionalmente. Distante, este corpo é submetido ao desejo do poder judicial de conter a visibilidade de Lula, algo que, como dito no discurso do líder popular, era um “sonho de consumo”, um “orgasmo”. A fotografia, por tudo que ela não diz, sugere a força contida pelas instituições de controle. Nas palavras de Butler (2017, p. 118), “há enquadramentos que impedem a capacidade de resposta, nos quais essa atividade de impedimento é realizada pelo próprio enquadramento efetiva e repetidamente”. Ou seja, a avaliação política e ética de determinados quadros é impedida muitas vezes ante ao que não é representado de forma explícita. Nesse impedimento, regulam-se também os sentimentos, a comoção.

A reivindicação do estatuto de representação acionado pelas fotos, conforme o que foi apontado, muda conforme o enquadramento e seus campos de força. A cena pública da fotografia não se limita ao seu recorte estrito e visível, mas se amplia na esfera social, quando é vista, compartilhada, debatida e censurada. Nesta compreensão, os momentos aqui eleitos para o estudo da imagem de Lula (a foto do líder popular sendo carregado pela multidão, o discurso do ex-presidente e a foto do personagem preso) são rastros de um processo histórico em constante reescrita. Ora por seu caráter de “prova”, ora como “desejo”, ora como “silêncio”, a fotografia constitui fenômenos para além dos quadros que dá a ver.

E por falar em rastros imagéticos deixados pelo caso de Lula, vale lembrar, apesar de não participar do corpo fundamental deste estudo, da imagem do *PowerPoint* apresentado pelo então procurador Deltan Dellagnol usado na acusação do ex-presidente, que foi fortemente reproduzida na internet. Todas as expressões em círculos e setas que apontam para o nome central de Lula o assujeitam e o sitiam. A forma desse diagrama é o lado oposto do espelho da fotografia de Proner, que, por outras linhas de força, situa Lula no centro. A fotografia, assim, traz o corpo que o diagrama acusa, sob outra perspectiva. Enquadramentos e relações de poder seguem sendo desafiados pela carga sígnica das imagens. Este recorte de estudo é uma possibilidade, em meio a tantas outras, de apresentar e interpretar um fenômeno que segue acontecendo, seja no âmbito político, histórico ou midiático.



Figura 3 - PowerPoint sobre Lula apresentado aos jornalistas



Fonte: Rodrigues (2016).

#### 4 Considerações finais

Estas considerações jamais finalizarão o fenômeno. Diante da eclosão da imagem de Lula nos portais de notícia e perfis de redes sociais digitais, três expressões do poder de enquadramento são principalmente acionadas: o povo, a polícia e a mídia. Estes três campos de força têm fundamental participação na constituição do corpo político de Lula, que ora é acionado por sua expressividade popular, ora é cooptado pela imagem de sua prisão, desejada por instituições como a polícia e os veículos midiáticos.

O desejo implicado nas fotografias do então ex-presidente, em “orgasmos múltiplos”, convoca ao pensamento sobre como um indivíduo, um corpo político, é explicitamente ou implicitamente mobilizado em sua condição de representação. As manifestações fotográficas em torno do encarceramento de Lula permitem construir e dar amplitude a um acontecimento, ajudando a historicizá-lo. Nesta inclinação, a imagem se traduz na promessa de dar continuidade ao ato registrado, sendo também mediadora na percepção deste. Lula, capturado e desejado em imagem, é exemplo de fenômeno comunicacional que aponta para a capacidade da fotografia em ser dispositivo de discursos múltiplos, dependendo de como é apresentada e enquadrada.

A internet, sendo um ambiente propício para a proliferação imagética, favorece as releituras e interpretações do acontecimento representado. Para exemplificar o potencial interpretativo das imagens no mundo *online*, tem-se os memes. O “*powerpoint*” da acusação foi um exemplo que viralizou e ganhou diversas releituras em memes, aproveitando-se também do mote da frase “não temos provas, temos convicção”. Com Lula como sujeito central, outros conteúdos textuais substituem as palavras que o rodeiam na versão de Dellagnol. Esta criação sugere que o caráter de prova da fotografia, juntamente com a tão discutida falta de provas do “*powerpoint*”,



estabelece um novo jogo para a imagem do líder popular. Sendo inocentado, hoje livre e mais uma vez eleito presidente, a política em torno da imagem de Lula persiste desejosa de novos enquadramentos.

## Referências

BATCHEN, Geoffrey. **Each wild idea**: writing, photography, history. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2000.

BOULET-GERCOURT, Philippe. Eleições no Brasil: Lula, o fantasma eterno. **L' OBS**, França, 30 set. 2022. Disponível em: <https://www.nouvelobs.com/monde/20220930.OBS63879/elections-au-bresil-lula-l-eternel-revenant.html>. Acesso em: 30 out. 2023.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CASAL JR., Marcello; SOARES, Danyele. Lula chega à polícia federal em Curitiba para começar a cumprir pena. **Agência Brasil**, Brasília, 7 abr., 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-04/lula-chega-policia-federal-em-curitiba-para-comecar-cumprir-pena>. Acesso em: 05 set. 2023.

FOUCAULT, Michel. **Power/Knowledge**: selected interviews and other writings, 1972-1977. Colin Gordon (ed.). New York: Pantheon Books, 1980.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

GUNNING, Tom. O retrato do corpo humano: a fotografia, os detetives e os primórdios do cinema. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. (orgs.). **Cinema e invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

LEIA a íntegra do discurso histórico de Lula em São Bernardo. **Brasil de Fato**, São Paulo, 7 abr. 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/04/07/leia-a-integra-do-discurso-historico-de-lula-em-sao-bernardo/>. Acesso em: 20 set. 2022.

PRONER, Francisco. Foto de Lula que viralizou é de jovem de 18 anos. **Reuters**, São Paulo, 8 abr. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/foto-de-lula-que-viralizou-e-de-jovem-de-18-anos/>. Acesso em: 28 ago. 2023.

RODRIGUES, Fernando. Conheça o "powerpoint" usado pelo Ministério Público contra Lula. **Poder 360**, 15 set. 2016. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/lava-jato/conheca-o-powerpoint-usado-pelo-ministerio-publico-contralula/>. Acesso em: 5 set. 2023.





SIBILIA, Paula. Você é o que o *Google* diz que você é: a vida editável, entre controle e espetáculo, *In*: BRUNO, Fernanda *et al.* (org.). **Tecnopolíticas da vigilância**: perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2018.

TAGG, John. **El peso de la representación**. Barcelona: Gustavo Gili, 2005.